



DOSSIÊ FILOSOFIA DA MENTE

O dossiê da Revista Ideação, *Filosofia da mente: conhecimento e linguagem*, traz artigos de autores ligados a diversos centros de pesquisa dentro e fora do Brasil, em uma perspectiva transdisciplinar como é próprio desse campo de investigação que trata das relações entre a mente, o conhecimento e a linguagem. Em termos da história da filosofia, a filosofia da mente busca colocar sob novas luzes temas clássicos em diálogo com os avanços das neurociências e dos estudos sobre cognição humana. Em tais estudos, a linguagem ganha um papel fundamental a ponto de nos questionarmos até onde a nossa cognição é tributária da linguagem ou como as interações, linguisticamente mediadas, são constituintes daquilo que consideramos como sendo o mental.

Em um primeiro bloco de artigos, oferecemos uma constelação de questões referentes à filosofia da mente, que permitem, mesmo a quem não está familiarizado com essa corrente da filosofia, formar um cenário de problemas bastante contemporâneos nesse campo. Uma boa introdução sobre tais questões está presente no artigo de Diana Pérez, “La segunda persona y la teoria de la mente”, que aborda a teoria da mente no marco da perspectiva de segunda pessoa da atribuição mental. Na sequência, Mirian Donat trata da expressividade como parte da ação humana, gerando uma compreensão da subjetividade a partir das práticas intersubjetivas. Por sua vez, Lucas Ribeiro Vollet discute o papel do estudo da semântica na representação dos tipos de consensos produzidos pela prática humana em “A philosophical recap of the notion of Semantic Value: questioning the production of Consensus and its possible philosophical sublimation”. Juliana Orione Arraes Fagundes apresenta as contribuições de Davidson e Dennett para o interpretivismo, que postula que os estados mentais devem ser caracterizados a partir do ponto de vista do intérprete, no seu artigo, “A analogia interpretivista da mente com sistemas de medição”. Em seguida, temos a investigação sobre a crença e a racionalidade em animais não-humanos nas teorias de Davidson, Stich, Dretske e Carruthers no artigo de Maylson Candeira, “Crença, ação intencional e animais não-humanos”. Em “A ampla noção de linguagem de Charles S. Peirce: compartilhamento de hábitos”, Alexandre Augusto Ferraz procura apresentar a noção de linguagem de forma ampla, envolvendo processos verbais e não verbais, mostrando que os seres vivos em geral comportam-se por meio de estruturas simbólicas orientadas por regras. José Eduardo Pires Campos Junior apresenta a conexão entre metafísica, epistemologia e psicologia cognitiva por meio do conceito de tipos naturais na filosofia da

mente e teoria das emoções de Jesse Prinz em “Emotions as natural kinds: a naturalist theory of emotions in Jesse Prinz’s philosophy of mind”.

Tratando da temática das relações entre mente, cognição e conhecimento, André Leclerc e Francisco Hélio Cavalcante Félix abordam o papel colaborativo entre “Neurociência e filosofia da linguagem” em que a neurociência pode ser utilizada para reforçar algumas teorias filosóficas. Marco Aurélio Sousa Alves e João César Ramos, no artigo “Instrumentalismo e a ciência da consciência”, irão defender que o instrumentalismo é uma abordagem que permite solucionar a questão dos limites da ciência da consciência. Tárík de Athayde Prata, em “Pensamentos inconscientes como base de explicação da consciência enquanto propriedade de estados mentais: um exame da teoria da consciência de David Rosenthal”, discute a relação entre a consciência e os estados mentais, defendendo a tese de que nossos pensamentos meta-psicológicos são inconscientes.

Entres as questões clássicas revisitadas pela filosofia da mente, está a temática das relações entre a mente e o corpo. Nesta perspectiva, André Noara e Jerzy Brzozowski realizam “Uma análise dos argumentos de alguns dos críticos do naturalismo biológico” desenvolvida por John Searle, que considera que a consciência é um fenômeno biológico e que não tem merecido uma justa apreciação por parte de seus opositores. Dentro do mesmo escopo de problemas Thiago Delaíde da Silva investiga os limites entre ciência e filosofia em seu artigo “Considerações sobre a neurofilosofia de Patricia Churchland: implicações para além da filosofia da mente”. Por seu turno, Bárbara Klimiuk Sinigaglia, em seu artigo “Uma perspectiva contemporânea sobre a mente humana: Andy Clark filósofo e cientista da cognição”, discute as contribuições de Clark sobre o conceito de mente estendida, que argumenta contra a identificação estrita entre mente e cérebro. Também temos o artigo de Daniel Uptmoor Paulym “A mathematical perspective over the mind-body reduction problem”, que trata de bases matemáticas para fundamentar uma redução mente-corpo, levando em consideração a Teoria da Informação. Encerrando esse bloco temático, Gabriel Caetano de Queiroz, Filipe Lazzeri e Carlos Eduardo Lopes discutem a crítica de Merleau-Ponty às noções comportamentais ligadas ao fisiologismo e ao mecanicismo em “Merleau-Ponty, enativismo e Skinner sobre o caráter dialético do comportamento: um breve paralelo.”

Aprofundando as relações entre linguagem, cognição e interação social, Daniel de Luca Noronha propõe uma abordagem da “Cognição Social a partir da Teoria de Situações: em direção a uma abordagem integrada”, em que busca justamente conciliar as noções de flexibilidade e eficiência na cognição social. Sabrina Balthazar Ramos Ferreira, por sua vez,

aborda o papel das dinâmicas de percepção-ação ecológicas na constituição de elos comunicativos e relações sociais em “Aspecto comunicativo da percepção-ação ecológica: contribuições para o estudo das dinâmicas sociais”. Outros dois artigos abordam como as redes sociais afetam as interações mediadas linguisticamente: Josué Cândido da Silva analisa como as redes sociais interferem na reprodução do mundo da vida, já que estão voltadas para manipulação e controle do comportamento das pessoas dentro da perspectiva de um capitalismo de vigilância, em “Redes sociais e agir comunicativo”. Felipe Eleutério e Mariana C. Broens problematizam a tese de que o automonitoramento digital proveria um aprofundamento do autoconhecimento enquanto a coleta de dados por meio tecnológico nas redes sociais parece indicar o contrário. Destacando a problemática das explicações das interações sociais, Beatriz Sorrentino Marques trata da disputa teórica entre abordagens que buscam explicar as ações intencionais, particularmente a Teoria Causal da Ação e a Teoria da Causação do Agente, e como elas compreendem os “Problemas para explicações de ação: esquemas de gênero moldam a sensação de agência”. Já Ana Margarete de Freitas propõe a discussão das relações entre “Reflexão e agência epistêmica: as críticas de Hilary Kornblitch ao projeto epistemológico de Ernest Sosa”, em que Kornblitch sustenta que a Epistemologia das Virtudes de Ernest Sosa falha por não oferecer uma resposta para o papel do agente no domínio epistêmico.

No campo das relações entre linguagem e mente, Pedro Dolabela Chagas, Anny Moreira e Leonardo Almada apresentam a “Narratologia cognitiva: uma introdução”, em que são abordadas as conexões entre narratologia, filosofia da mente, teoria da evolução humana, neurociência e psicologia cognitiva. Enquanto Sanqueilo de Lima Santos acompanha o desenvolvimento histórico da filosofia de Husserl sobre o significado em “Fases heurísticas da investigação husserliana do significado até 1908”. Por fim, temos “A influência de Heráclito no estilo em Nietzsche: a possibilidade de filosofar sem o “conceito””, de Micael Rosa Silva, onde argumenta-se que, a partir do próprio estilo em prosa poética, Nietzsche demonstra que os símbolos e as alegorias são mais importantes que os conceitos na formação da linguagem.

Boa leitura.

Juliana Oriane Arraes Fagundes

Vanessa Duron Lattanzi

Josué Cândido da Silva